

OS RASANTES DESCONTÍNUOS: UMA ANÁLISE DE BACURAU

JULIA REGIS VIEIRA¹; JULIA LEITE TEIXEIRA²; MICHAEL ABRANTES KERR³

¹Universidade Federal de Pelotas – juliaregisvieira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julia.leite_t@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – michaelkerr2701@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Bacurau é o novo filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, o projeto, que se autodenomina Drama/Fantasia, vêm sendo abraçado por milhares de espectadores e coloca o cinema brasileiro em pauta na grande mídia. Será este filme necessário para colocar como problemática as discursivas atuais? Será o mix de gêneros cinematográficos o bastante para explicar o verdadeiro liquidificador de problemas que se tornou o Brasil?

Os diretores, conseguem atingir, com esmero, a analogia de voos rasantes do pássaro Bacurau. O filme segue uma linha descontínua de gêneros que, em primeira instância, causa estranheza, mas que funciona primorosamente na narrativa. A análise dos três pontuais gêneros do filme nos abarca no conjunto de problemas tão facilmente espelhado no cotidiano brasileiro.

Em seu primeiro momento o Drama Denúncia; denúncia de um povoado esquecido em extrema pobreza, pessoas a quem o governo ignora e coloca em segundo plano, o tão óbvio propagado preconceito contra o povo nordestino. Seguimos o filme com uma apresentação de Norwestern, uma mistura entre o Western; filmes de Cowboys, banguê-banguê americano, que chegou ao Brasil com “O Pagador de Promessas”, em 1961, e formalizou o Nordeste como lugar corrupto, sem leis ou ordem e de natureza violenta. O filme tem uma quebra colossal de gênero em sua distopia futurista que marca seus últimos minutos, uma crítica à tecnologia e ao esquecimento de memórias, um povo que precisa assumir a identidade que lhes foi dado erroneamente e usar da violência para assegurar sua própria vida.

2. METODOLOGIA

A análise do filme foi feita a partir de duas sessões assistidas no cinema. Auxiliada da visão de Luís Nogueira, autor do livro Manuais do Cinema II, Gêneros Cinematográficos, consegui destrinchar o filme, dividi-lo em três gêneros distintos e pude distribuir a eles as qualidades padrões.

(...) este esquema permite identificar um padrão recorrente num vasto grupo de obras, temos então que um gênero ganha dimensão crítica – isto é, um elevado número de qualidades é partilhado por uma elevada quantidade de filmes. A partir daí o gênero torna-se uma instituição cultural relevante – mesmo se o futuro lhe augurará, com certeza, mutações e hibridações. (NOGUEIRA, Luís, 2010, p. 04)

Seguindo a teoria de Cyntia Gomes Calhado e o texto “Hibridismos e Ressignificações nos Gêneros Cinematográficos”, fui auxiliada a distinguir sua relevância atual no cenário político e social brasileiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tempo fílmico é extremamente relevante; em sua primeira parte o longa usa e abusa da denúncia. Denúncia de uma história que se passa no sertão nordestino, *ah* o Nordeste, região que desde o período colonial recebeu um papel figurante; política, econômica, cultural e simbolicamente, tornando a região, equivocadamente lançada para segundo plano, uma terra seca, esquecida e até mesmo um adjetivo pejorativo. “Nordestino”: pessoa preguiçosa, pessoa que não trabalha, pessoa sem intelecto, pessoa pobre por nascença. “Daqueles governadores ‘de paraíba’, o pior é o do Maranhão.”, a frase, dita pelo atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro, em setembro de 2019, comprova a tese. E é aí que mora a crítica na primeira parte da narrativa de Dornelles e Mendonça; o retrato do povo esquecido, deixado de lado pelo governo e pelos vizinhos de terra, que encontra em sua comunidade a força para continuar produzindo, vivendo, minimamente bastando seu sustento.

A característica que pula à mente, se qualquer pessoa pedir a definição de Bacurau, é a ironia... *irony*, *sarcasm*. A grande ironia, ironia que permeia toda a linha torta da narrativa, ironia que está presente em todos os personagens; da senhora que de dia é médica e de noite é alcólatra, do político que traz livros rasgados em um caminhão e mantimentos validados há meses, do ladrão procurado que quer redenção. A ironia é a palavra chave da narrativa.

A primeira parte do filme passa-se tranquilamente como um filme de drama irônico, que consegue retratar imensamente bem o povo de um local e toda a sua história passada que permeia seu presente: um povo queimado de sol que busca sobreviver em meio à seca. Uma cidade que está, literalmente, sendo apagada dos mapas.

As coisas começam a sair um pouco de órbita quando um drone, em forma de nave espacial, começa a seguir um dos moradores. Essa quebra incrivelmente inesperada deixa o espectador com diversas interrogações na cabeça. E a partir daí cabe aos espectadores absorver e aceitar o que lhes está sendo dado e não esperar o que virá em frente, porque com toda certeza, serão surpreendidos. A atmosfera futurista dura pouco, (mas ela volta tempos à frente), e logo temos novas visitas à pequena cidade; dois motoqueiros vestidos de nylon colorido e cobertos de preconceito chegam “de passagem”. As interações com os moradores, com seu desdém pelo museu de Bacurau e por seu refrigerante de produção regional, já faz revirar os olhos, afinal, nos sentimos próximos dessa comunidade, ou minimamente empáticos com ela e nesse ponto, a escrita e a entrega dos personagens é próxima de perfeita.

Os autores imprimem no texto de seus personagens a liberdade de ação, e os atores entregam em suas performances a crueza desse povo; as crianças correm em meio à apresentações de capoeira entre jovens e velhos, as prostitutas transam em seu bordel, enquanto uma propaganda sobre os ladrões locais passa no “cinema” da cidade, montado em um caminhão com uma estrutura malfeita de uma tela e você simpatiza com eles, os adota, mesmo não sabendo direito os nomes de todas aquelas pessoas que ali vivem.

Nordeste. Agreste. Cabra da peste. A ideia de *Nordestern*, a película *Western*, de *Cowboys* e banguê-banguê americano, mas trazida para o nordeste, chegou ao Brasil com “O Pagador de Promessas”, lá em 1961 de Anselmo Duarte e trouxe filmes consumados culturalmente, como “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber Rocha, 1964 e formalizou o Nordeste como o lugar exótico, corrupto, sem leis ou ordem, de natureza violenta, trouxe o filme de faroeste com um gostinho nacionalista que foi imediatamente comprado.

A ironia volta; a segunda parte da nossa divisão traz o *Norwestern* de Kleber e Juliano, que consome demais do *horror gore* de John Carpenter, bebe de ambas as fontes e nos mostra fazendas banhadas de sangue, conflitos à queima roupa e personagens carismáticos mortos.

O “mix” de gêneros se completa com uma quebra colossal: a apresentação de personagens brancos, americanos e alemães, que estão ali para jogar videogames com armas de verdade, fazer um verdadeiro *Mortal Kombat*¹ acontecer contra os moradores de Bacurau.

O filme apresenta duas versões no cinema, a versão legendada e a versão dublada, mas como todas as características de Bacurau; é tudo muito bem pensado. A versão dublada, sobre a língua inglesa que os atores naturalmente falam, serve como um *comic relief*² e novamente nos carrega de sarcasmo. Aqui o espectador desempenha seu papel de rir do absurdo da supremacia branca e do quanto a arte imita a realidade.

O futurismo distópico da última parte de Bacurau faz dele um dos filmes mais únicos dos últimos tempos. Os personagens estão prontos para lutar, tirando do Museu da cidade, tão desdenhado pelas pessoas, as armas que precisam, usando da sua história para travar a batalha principal do filme. Lembrando sempre que, em momento algum a violência vem gratuita a esse povo. Esse povo, que representa as minorias brasileiras, retrato do povo moderno, que precisa lutar de algum modo para não ser apagado, subjugado ou mesmo, morto. Nada mais do que relevante nos tempos atuais, com um governo que pejorativamente trata a população nordestina, abertamente censura conteúdo LGBTQ+, retira direitos arduamente conquistados pelas mulheres, em suma, oprime tudo que não é branco, hétero ou eurocêntrico. Vale lembrar que o filme não retrata os dois lados de uma mesma moeda, mas duas moedas completamente diferentes; como o dólar e o real.

4. CONCLUSÕES

É uma experiência contemporânea de tempo modelado, veloz, presente, que busca prever o futuro. Um tempo que se baseia em um carregamento de memórias, uma fonte significativa de cultura e vivência. Durante todo o “mix” de gêneros, os diretores vão deixando às claras sua abordagem de chacota e deboche, fazem o observador entrar em seu mundo e refletir internamente. Nunca, problemáticas foram tão bem abordadas no cinema do Brasil, do *jeitinho brasileiro*, como já dizia cartola em 1976, “rir pra não chorar”. Com certeza você vai terminar Bacurau com muitos dos seus moradores seguindo sem nome, mas o nome dessa comunidade você claramente decorou.

¹ Série de jogos eletrônicos relacionados a lutas que após seu grande sucesso se expandiu para outras mídias como quadrinhos, séries de TV e films, desenvolvido e publicado pela Midway Games.

² “*Comic relief*” é a inclusão de um personagem humorístico, cena ou diálogo espirituoso em um trabalho de outra forma sério, muitas vezes para aliviar a tensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALHADO, Cyntia Gomes. Hibridismos e ressignificações nos gêneros cinematográficos. **Galaxia**, São Paulo, n. 33, p. 242 – 244, 2016.

MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos**. Livros LabCom, 2010.

SCHATZ, Thomas. **Gêneros de Hollywood: fórmulas, cinema e o sistema de estúdio**. Boston, 1981.